

A dança nossa de cada dia dá-nos hoje

Give us this day our daily dance

*Victor Hugo Neves de Oliveira¹
Luiz Thomaz Sarmiento Conceição²*

RESUMO: O artigo busca analisar os interesses e motivações que mobilizam os indivíduos a ingressar num curso superior de dança, a partir de um campo particular de discussão: a dança na universidade – para quem, por quem e como? Pretendemos, por isso, discutir e examinar os projetos de ensino da dança e os perfis dos alunos ingressos em duas universidades específicas, a Universidade Federal da Paraíba e a Universidade do Sudoeste da Bahia, delimitando através deste recorte o campo de abrangência da pesquisa.

ABSTRACT: This article aims to analyze the interests and motivations that move individuals to go to college dance, from a particular field of discussion: dance in university – for whom, by whom and how? We intend, therefore, to discuss and examine projects of teaching dance and profiles of students registered in two specific universities, Federal University of Paraíba and State University from the Southwest of Bahia, delimiting with it the coverage of the research.

KEYWORDS: Dance. University. Students.

PALAVRAS-CHAVE: Dança. Universidade. Alunos.

I. INTRODUÇÃO

No artigo *Dança e o Conceito de Cultura*, Adrienne L. Kaeppler (2013) narra um episódio de *Star Trek: The Next Generation*, no qual o androide Commander Data (um robô humano) solicita à médica-chefe Beverly Crusher que o ensine a dançar. A doutora Crusher, então, começa a ensiná-lo a sapatear e em agradecimento Commander Data afirma que se encontra pronto para dançar no próximo casamento. A doutora Crusher, então,

1 Professor do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal da Paraíba, doutorando em Ciências Sociais (UERJ). Email: dolive.victor@gmail.com

2 Professor do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), coordenador da Área de Dança do Departamento de Ciências Humanas e Letras da UESB. E-mail: luizthomaz.sc@gmail.com

se assusta e explica que o tipo de dança depende do evento no qual a dança será executada e, incapaz de explicar a inconsistência dos sistemas humanos de classificação, começa a ensinar-lhe uma valsa, assegurando-lhe que este tipo de dança é mais adequado para se dançar em eventos como casamentos.

A partir deste episódio ilustrado por *Star Trek*, apreendemos inúmeros fatores envolvidos na compreensão daquilo sobre o que o *fazer-dança* se refere: fatores que se situam tanto na emergência de reconhecer os movimentos organizados e estruturados no tempo-espço e os parâmetros organizadores da ação corporal, quanto ao imperativo de identificar os contextos e situações culturais em que a dança se estabelece.

O artigo aqui proposto busca analisar estes contextos e situações culturais segundo um campo particular de discussão: a dança na universidade – para quem, por quem e como? Com base neste campo, pretendemos discutir e examinar os projetos de ensino da dança e os perfis dos alunos ingressos em duas universidades específicas: a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e a Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB).

Para tanto, engendramos um estudo sobre o Projeto Político Pedagógico dos cursos em questão e discutimos que desejos e interesses motivam o ingresso nos Cursos de Licenciatura em Dança em ambas as universidades. Com o interesse de compreender, portanto, o “perfil dos alunos ingressos” (subentendendo-se diversidade e não homogeneidade na expressão), os professores representantes de cada instituição organizaram um questionário direcionado aos alunos, intitulado *Dança e Universidade: Um Estudo Sobre o Perfil dos Alunos Ingressos*.

Este questionário foi organizado em torno de oito seções principais que diziam respeito aos dados pessoais e familiares; ao detalhamento de cursos realizados; ao detalhamento de espetáculos de dança assistidos e das companhias de dança que são referenciais para estes alunos; à motivação pela escolha do Curso de Licenciatura em Dança; aos conhecimentos prévios relacionados com a atuação profissional de um licenciado em dança; à disponibilidade para aulas e ensaios extras aos horários do curso; aos conhecimentos de informática e habilidades com línguas estrangeiras; e, por fim, às expectativas com relação à graduação. Estas questões norteadoras e introdutórias foram fundamentais na busca de entendimento sobre para quem, por quem e como se dá a construção do lugar da dança como *cultura-universidade*.

2. INDIVÍDUO, PROJETO E CAMPO: O PERFIL DOS ALUNOS INGRESSOS EM DANÇA NA UFPB

Como bem destaca Dulce Aquino (2001), o primeiro curso superior de dança criado no Brasil estabeleceu-se na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, no ano de 1956. Apenas a partir da década de 1980 é que

houve a implantação de outros cursos em outras universidades, entre os quais se destacam os cursos de graduação em dança da Universidade de Campinas, da Pontifícia Universidade Católica – PUC/Paraná (posteriormente transferido para a Faculdade de Artes do Paraná), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Universidade Federal do Pará, da Universidade de Viçosa etc.

Em 2013, com o principal objetivo de proporcionar a formação profissional do professor de dança, através das práticas e dos conteúdos específicos da dança, tornando-o apto a participar ativa e criativamente de processos artísticos e educacionais e exercer com competência e ética seus papéis, correspondendo ao mesmo tempo às exigências legais ao exercício da profissão, implantou-se o Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

A implantação do Curso de Licenciatura em Dança da UFPB é resultado de um conjunto de políticas específicas relacionadas com a reivindicação do setor pela criação de graduações em dança em universidades públicas de todo país, como forma de identificar a dança como conhecimento e ampliar o acesso à formação especializada na área. Assim, a inclusão da dança no contexto universitário atende a uma demanda dupla: i) afirmar o entendimento da dança como área de saber e conhecimento autônomo; e ii) capacitar indivíduos para as exigências sociais relacionadas ao ensino da dança.

Segundo Vicente, Serpa & Shulze (2012), o perfil do aluno egresso do Curso de Licenciatura em Dança da UFPB se relaciona a um estado de capacitação plural e interdisciplinar, adequado a integrar teoria e prática, superar preconceitos e hierarquias historicamente constituídas (entre aquilo que é local e aquilo que é global) e estabelecer processos pedagógicos significativos para o aluno; afinal, como nos esclarece Paulo Freire (2011), ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Com isso, entendemos que a abordagem da dança no contexto de ensino (qualquer que seja) se potencializa ao induzir o enfoque das ações educativas não ao fomento da livre expressão dos sentimentos ou à liberação das emoções (porquanto sabemos que a ênfase excessiva na expressão restringe o ensino da dança à promoção afetiva e não promove espaço propício aos processos de cognição), mas, sobretudo, quando se propõe a conhecer o conhecimento e, a partir disso, a relacionar a experiência social com os saberes curriculares.

Na educação, o subjetivo, a vida interior e a vida emocional devem progredir, mas não ao acaso. Se a Arte não é tratada como um conhecimento, mas somente como um grito da alma, não estaremos oferecendo uma educação nem no sentido cognitivo, nem no sentido emocional (BARBOSA, 2008, p. 21).

Neste contexto, percebemos que os conteúdos das disciplinas do Curso de Licenciatura em Dança da UFPB buscam pensar a dimensão da dança pelo estabelecimento de relações e articulações entre fazer artístico, contextualização histórica e leitura de obras: uma proposta de triangulação para o ensino de dança que envolve disciplinas sobre técnicas corporais/improvisações e processos de composição, danças populares e tradições brasileiras, teorias do movimento corporal e discursos sobre arte e sociedade.

Esta abordagem que vincula possibilidades de experimentar, de modo criativo, a dimensão expressiva da dança, de reconstruir os contextos das produções artísticas a partir das relações possíveis com as experiências locais e de atribuir significados às obras de arte (através de análises estéticas e críticas) caracteriza as reflexões contemporâneas da arte como conhecimento.

Depreendemos que a dança no âmbito da universidade não está relacionada unicamente com a formação de um corpo hábil, afinal, como bem propõe Strazzacappa & Morandi (2006), quem vai para faculdade de dança quer – além de dançar – discutir, analisar, pesquisar, criticar, historiar, documentar a dança; quer ampliar seus horizontes, conhecer novas tecnologias, estabelecer pontes com outras áreas de conhecimento, questionar o papel da dança na sociedade, produzir, criar, escrever, lecionar dança.

As faculdades de dança formam mais que o bailarino. Formam o pesquisador, o professor, o criador. Formam o bailarino que pensa. Não estamos aqui dissociando teoria da prática. Muito pelo contrário (...). Precisamos desfazer a imagem de que bailarino tem “músculo no cérebro”. Bailarino que não sabe comentar e refletir sobre seu trabalho artístico não é um profissional que se preze (MORANDI; STRAZZACAPPA, 2006, p. 13).

Aprender dança, neste sentido, envolve gerar trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre as representações sensíveis, conhecer, discutir e questionar a natureza de produções artísticas individuais e coletivas de distintos períodos históricos e arcabouços culturais e desenvolver um projeto artístico individual a partir de um campo de possibilidades. Mas, qual(is) seria(m) o(s) projeto(s) dos alunos ingressos no Curso de Licenciatura em Dança da UFPB? Esta é a pergunta norteadora das questões que pretendemos desdobrar neste tópico sobre indivíduo, projeto e campo.

No livro intitulado *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia das Sociedades Complexas*, Gilberto Velho (2011) declara que a ideia de projeto está relacionada à ação com algum objetivo pre-determinado e que todo projeto é elaborado e construído em função das experiências socioculturais dos sujeitos. Segundo o autor, o projeto está vinculado a um campo de possibilidades que se configura como espaço

para formulação e implantação dos projetos.

Os projetos são dinâmicos e não normativos e, tanto quanto as pessoas, passam por transformações e mudanças decorrentes dos processos de vida e interações dos indivíduos uns com os outros, ou seja, são contextualmente localizados em campos temporais e espaciais específicos. Entretanto, conquanto sejam fluidos, acreditamos que ambas estas categorias (projeto e campo) podem cooperar aqui no reconhecimento e na identificação do perfil dos alunos ingressos.

Para tanto, compartilhamos os relatos coletados da experiência de três alunas recentemente ingressas no Curso de Licenciatura em Dança (UFPB), estudando seus projetos específicos e buscando compreender como seus projetos individuais se articulam com o campo de possibilidades que a universidade representa. Não pretendemos com este recorte apresentar os relatos como a história, mas revelamos desde já que eles constituem uma história entre outras histórias.

Luciana Portela, de 32 anos, foi uma de nossas informantes. Tinha Bacharelado em Turismo, com habilitação em Marketing, pela Universidade Federal da Paraíba (2000-2005), quando resolveu ingressar no Curso de Licenciatura em Dança (2013). Suas vivências artísticas são amplas, variando desde cursos de interpretação para cinema a cursos de danças brasileiras no Instituto Brincante com Antônio Nóbrega, inúmeras de suas experiências relacionam deslocamentos, cursos e práticas artísticas entre o estado de São Paulo e o estado da Paraíba.

Luciana optou pelo Curso de Licenciatura em Dança para melhor se fundamentar e se profissionalizar na área. Suas expectativas com relação ao curso dizem respeito a um possível contato com ferramentas (teórico-práticas) capazes de orientar tanto artística quanto pedagogicamente. Seu objetivo é produzir obras artísticas e compartilhar conhecimentos através da arte-educação.

Kilma Farias, de 37 anos, é jornalista e já fez cursos de Tribal e Dança do Ventre em diversos estados do Brasil (tais como São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará) com temas que variam desde os Fundamentos do Tribal e Ritmologia Árabe à Composição Criativa em *Tribal Fusion*. Seu empenho profissional na área de *Tribal Fusion* já a conduziu a ministrar cursos tanto no Brasil, quanto na Argentina, Peru e Estados Unidos. Seu interesse no Curso de Licenciatura em Dança se relaciona com a possibilidade de aprofundar conhecimentos, sistematizá-los e, com isso, se aperfeiçoar como professora.

Kilma dialoga muito bem com o cenário da dança produzida no contexto da Paraíba e fora do contexto paraibano; assim, quando interpelada sobre os espetáculos de dança aos quais teve acesso, responde: *Tatyana*, Déborah Colker; *Experimento Pina*, Paralelo; *A Deusa Que Há em Mim*, Cenário; performances de Dança Indiana Clássica com Silvana Duarte;

Dark Room, Cia Etc; entre outros. Suas expectativas com relação ao curso se estabelecem no desejo de encontrar novos horizontes.

Antonieta Soares, de 29 anos, tem formação em balé clássico e inúmeros cursos de curta duração relacionados à dança contemporânea, composição coreográfica e contato-improvisação. Seu interesse pela escolha do curso está relacionado com o afeto, afinal, ela escolheu o curso por amor e, além disso, pela necessidade de aprimorar seus conhecimentos para melhor educar crianças e jovens. Sua expectativa é que o curso contribua para seu desenvolvimento profissional e desenvolva nela um olhar mais crítico e responsável em seu fazer artístico.

Todas as entrevistadas afirmam que um licenciado em dança deve exercer atividades polivalentes que variam entre si nas suas relações com a dança: lecionar, pesquisar, coreografar e interpretar. Isto é, há uma compreensão sobre os relacionamentos estabelecidos entre ensino, pesquisa e produção artística, compreensão fundamental para o exercício pedagógico com o qual elas haverão de estar comprometidas.

Com isso, percebemos claramente como os projetos individuais se conciliam e, em certa medida, correspondem ao campo de possibilidades que a universidade engendra e representa. O que está em jogo é um processo de constituição de projetos que repercutem, certamente, na existência e nas expectativas dos indivíduos particulares. Parece que o perfil do aluno ingresso no ano de 2013 no Curso de Licenciatura em Dança – segundo as histórias que nos foram fornecidas e que, por nossa vez, criamos – é um perfil altamente consciente de seus campos de possibilidades.

A experiência em turma, as conversas anteriores com os professores e a troca com profissionais externos à Universidade estruturam entre os alunos um projeto coletivo que (apesar de não ser vivido de modo homogêneo pelos indivíduos que o compartilham e de apresentar diferenças de interpretação devidas às particularidades de status e trajetória de cada um) elabora uma consciência sobre o campo de possibilidades: uma consciência que diz respeito a um processo de aperfeiçoamento profissional.

Apesar de sabermos que estes projetos individuais estão em conflito com os projetos de outros grupos, conflitos que se caracterizam pelo não assentimento das famílias, pela desvalorização do estudo universitário nos ambientes de trabalho que os ingressos já integram, pela desqualificação político-social do curso que fazem, pelo endosso aos distanciamentos socioculturais, à estruturação de estigmas e aos elementos de dominação ideológica, pelas acusações desqualificantes engendradas no ambiente universitário por professores e alunos de outros cursos ao Curso de Dança, estes conflitos não são os pontos a serem discutidos em nosso artigo. O que nos estimula é reconhecer que os projetos individuais dos alunos ingressos interagem uns com os outros dentro de um campo de possibilidades. Assim, Luciana, Kilma e Antonieta compartilham entre si o desejo de “fazer dança”

e compreendem este fazer como um processo multidirecional.

O que depreendemos, portanto, é que o projeto destes alunos ingressos no Curso de Licenciatura em Dança não consiste em um fenômeno puramente subjetivo; formula-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades localizado no tempo e no espaço. Um projeto tem de se basear em um nível de racionalidade cotidiana em que expectativas mínimas sejam cumpridas, e o desafio da universidade neste processo consiste em promover cada vez mais experiências diversificadas, afinal, quanto mais tiver de dar conta de ethos e visões de mundo contrastantes, quanto menos fechada for sua rede de relação ao nível do seu cotidiano, mais marcada será a autopercepção de individualidade singular do aluno. Por sua vez, a essa consciência de individualidade corresponderá uma maior elaboração de um projeto, como nos afirma Velho (2011).

Nosso esforço, no contexto universitário, portanto, consiste na formação de multiplicidades de experiências que fomentem de modo continuado a consubstancialização dos projetos a fim de gerarmos um perfil de profissional ativo e consciente, tanto em nível político-pedagógico, quanto artístico: um profissional heterogêneo, apto e interessado pelo convívio das diversidades nas relações humanas – um profissional humano.

3. PERFIL DOS ALUNOS INGRESSOS NO CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA E TEATRO DA UESB

O Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) surgiu em 2012 como desdobramento do Curso de Artes com Habilitação em Teatro ou Dança, no campus da cidade de Jequié. Desse desmembramento, surgiram os Cursos de Licenciatura em Dança e Licenciatura em Teatro, após a reformulação do projeto político-pedagógico. Ainda assim, os cursos mantêm um currículo que tem dois semestres de disciplinas comuns, em que alunos de dança e de teatro compartilham disciplinas obrigatórias.

O objetivo do Curso de Licenciatura em Dança da UESB é:

Formar profissionais em Dança qualificados para exercer a docência na área, com visão crítica e consciência sociopolítica, bem como preparados para prestar e obter aprovação nos diversos concursos públicos para os quais a Licenciatura em Dança é prerequisite, estando em condições de desempenhar adequadamente as respectivas atribuições. O curso visa a formar um profissional que tenha educação humanística, técnica e prática indispensável à adequada compreensão interdisciplinar dos diversos fenômenos e contextos sociais; que seja capaz de interferir nos processos sociais, colocando à disposição os seus conhecimentos técnicos, apresentando soluções para as exigências das acomodações sociais, pre-

servando a capacidade de oferecer soluções aos conflitos sociais, devendo manter uma visão atualizada do mundo em particular, consciência dos problemas do seu tempo e do seu espaço (In.: <http://www.uesb.br/catalogo/cga-artes.asp>).

Além desses objetivos mais gerais, o curso pretende formar profissionais visando ao mercado de ensino formal (educação básica) e informal (academias, organizações não governamentais, projetos sociais etc.) da dança. Possibilitar uma formação teórico-prática que vise à instrumentalização de profissionais que possam trabalhar com diversas faixas etárias e que tenham uma compreensão crítica do processo de ensino da dança de acordo com cada contexto social.

Pensamos que o contexto socioeconômico no qual o próprio curso se estabelece já é um ponto interessante para se pensar o perfil dos alunos de dança da UESB. A cidade de Jequié está situada no sudoeste da Bahia, com população estimada em 161.391 pessoas, aproximadamente 17 vezes menos que Salvador, numa área territorial 231 vezes menor que a capital do estado³.

Boa parte dos cursos de dança (bacharelados, licenciaturas ou cursos técnicos) se localiza nas capitais dos estados brasileiros. Isso se deve provavelmente à maior demanda de público que esses locais apresentam. No entanto, a criação de cursos superiores de dança no país tem apresentado crescimento também na interiorização desses cursos, casos da UESB na Bahia, da UFV (Universidade Federal de Viçosa) e da UFU (Universidade Federal de Uberlândia), ambas no interior de Minas Gerais, entre outras. Será isso uma demanda local, regional ou nacional? O que faz alguém optar por fazer um curso superior de dança?

A perspectiva de atuação em um mercado de trabalho mais diversificado e exigente tem atraído uma nova geração de artistas para o ambiente universitário. E, por sua vez, o meio acadêmico, sensível à demanda da sociedade, tem atentado para a área e buscado atendê-la com a criação de novos cursos de graduação e pós-graduação, como nos informa Aquino (2001).

Sabemos que, diferentemente de outras áreas do conhecimento, aqueles que entram para um curso superior de dança têm, em grande parte, uma formação que precede a graduação. Tal formação se dá em escolas ou academias de dança, escolas de ensino formal, cursos e oficinas ofertadas em ONGs e projetos sociais etc. São muitos os caminhos que levam alguém a aprender a dançar, seja com o intuito artístico, para entretenimento, cultura ou lazer. Mas quais são os caminhos que levam à dança

³ Segundo dados do IBGE, (data de acesso: 30/04/14), disponíveis em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=291800&search=| | info%EF5es-completas>.

no contexto acadêmico? Navas oferece-nos uma nova luz sobre o tema no texto, intitulado *Centros de Formação: O que Há para Além das academias?*

Um médico, um advogado ou um engenheiro podem assim ser denominados, certificando-se sua formação, sem que tenham passado pelos bancos de uma universidade? De forma alguma, mas bailarinos e professores de dança, desde que desejem ensinar somente fora do ensino regular (ensino fundamental e médio), podem (NAVAS, 2010, p. 59).

Nesse sentido, podemos deduzir que aqueles que buscam a universidade com o escopo de fazer um Curso de Licenciatura em Dança pretendem ocupar um espaço específico do mercado de trabalho: a educação formal. Isso pode ser associado também ao movimento nacional de inclusão da dança como linguagem artística obrigatória do ensino básico, conforme preconizam as Leis de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996.

Por isso, buscamos verificar o perfil dos alunos ingressos no Curso de Licenciatura em Dança da UESB no ano de 2014 para verificar de onde vem esse público, quais suas características e perspectivas profissionais.

Para tanto, foi aplicado um questionário aos alunos do primeiro semestre de dança e teatro – em virtude do tronco comum dos cursos – para desenhar o perfil desse alunado. Um total de 11 questionários foram preenchidos por um grupo de entrevistados, cuja faixa etária se situa entre 17 e 24 anos, sendo 9 mulheres e 2 homens.

A primeira pergunta questionava os sujeitos da pesquisa sobre quais cursos (tanto de dança quanto de outras áreas) haviam feito antes do ingresso na universidade. Dos 11 entrevistados, 36% nunca haviam feito curso algum de dança, 63% haviam participado de algum curso, grupo de dança/teatro ou oficina, e 45% daqueles que haviam feito algum curso na área da dança também tinham algum curso em outra área de conhecimento, como, por exemplo, informática (4 alunos) e técnico em agroindústria e microbiologia dos alimentos (1 aluno).

Percebemos que a maior parte dos entrevistados tem uma história na dança vinculada a cursos, oficinas e grupos, mas ainda assim a parcela daqueles que não têm uma formação prévia é expressiva, correspondendo a mais de ¼ dos sujeitos da pesquisa. Onde eles viram a dança se manifestar a ponto de escolhê-la como profissão?

A segunda pergunta do questionário indagava sobre quais espetáculos de dança os entrevistados já haviam assistido e quais companhias de dança eles conheciam. Entre os entrevistados, 54% já haviam tido contato com espetáculos de dança (com as produções dos cursos de Licenciatura em Dança e em Teatro da UESB) nos últimos dois anos e 27% haviam assistido a apresentações de alguns grupos de dança local, festivais de

balé ou ainda apresentações de fanfarras⁴, concursos de bandas musicais e apresentações de ginástica rítmica. E aproximadamente 27% nunca haviam presenciado nenhum espetáculo de dança. De nosso quadro geral de informantes, 81% conheciam algum grupo de dança, seja ele internacional (Bolshoi e Royal Academy of Dance), nacional (Grupo Corpo), estadual (Fundação Cultural do Estado da Bahia – Funceb) ou local (Grupo Brisa). Já 19% não souberam responder.

Os dados apontam para a importância da implantação dos Cursos de Licenciatura em Dança e Teatro na UESB, campus Jequié, para a criação e ampliação de um público-alvo de estudantes. Da mesma maneira, poder-se-ia pensar que os cursos também oferecem alternativa de cultura para a cidade em virtude das produções resultantes de disciplinas como Processos de Criação I e II, Estágio de Criação em Dança I e II, nas quais os alunos produzem espetáculos coletivamente sob a orientação de um professor; e Estágio Supervisionado I, II, III e IV, nos quais os alunos dirigem e criam espetáculos, seja na própria universidade ou em escolas conveniadas de acordo com a proposta da disciplina. Tais produções acabam não só por divulgar o curso como também ampliam a oferta de programação cultural local, ocupando espaços públicos e também espaços fechados, tais como o Teatro Municipal, o Centro de Cultura Estatal e o Teatro do SESC.

A terceira pergunta questionava os entrevistados sobre o porquê de terem escolhido o Curso de Dança da UESB. No panorama de nossa pesquisa, 54% responderam que haviam escolhido por identificação/afinidade com a dança, ou ainda por amor a essa arte, tendo como justificativas: afinidade com a arte; vontade de dançar/atuar profissionalmente; por ser uma área ligada à cultura, que considera necessário resgatar; identificação; afinidade; e por fazer dança/teatro desde a infância. E 36% dos entrevistados responderam que haviam decidido em função de buscar profissionalização, seja por já trabalharem na área ou por objetivarem isso.

Percebemos que boa parte dos entrevistados escolheu participar de um Curso Superior de Dança em função da afinidade. É provável que esta seja uma característica dos cursos de arte em geral, mas não podemos afirmar como fato. Aqueles que optam por trilhar o caminho acadêmico da dança não o fazem por terem como objetivo primordial o enriquecimento econômico, por exemplo, pois seria contraditório se o fosse, considerando nosso contexto (ainda restrito) de mercado para a dança. Esse objetivo é mais comum em profissões de público massivo como medicina, direito, engenharia etc. Os que escolhem dançar, ou mais precisamente, ser professores de dança, o fazem como forma de realização pessoal. É

⁴ Fanfarras são bandas que se apresentam nos desfiles do dia da Independência e eventos similares. Algumas têm como balizas bailarinas, que executam acrobacias que exigem bastante flexibilidade. A base da dança é a marcha.

uma escolha que acompanha também garantir maior vantagem/bagagem no mercado de trabalho assim como estabilidade financeira. No entanto, tais questões não se sobressaem perante a experiência estética propiciada pelo fazer-ensinar arte.

O que move alguém para ser artista da dança? Algo que irá mantê-lo, apesar dos “ossos do ofício”, na mesma carreira/trajetória: a busca de uma experiência estética, que transformará em arte. Por experiência estética, considero o sentido dado à expressão pelo semiótico Charles Sanders Peirce, aquilo que nos tira do cotidiano da mesmice, do “todo dia a mesma coisa”. Algo como um relâmpago, cindindo a rotina de maneira violenta, brutal, cabal (NAVAS, 2010, p. 62).

A arte nos convida à experiência estética, e aqueles que têm afinidade com alguma manifestação artística podem, através dos cursos superiores, desenvolver habilidades e conhecimentos para que possam organizar sua própria experiência em prol de processos artístico-pedagógicos em alguma linguagem: dança, teatro, artes visuais etc.

A quinta pergunta questionava sobre quais atividades os entrevistados reconheciam como relacionadas ao exercício de um profissional licenciado em dança. Ante esta questão, 45% responderam que o licenciado é formado para a docência: ensinar a dança em seus detalhes; passar sua experiência para as pessoas que têm o interesse em se aprofundar na arte; dar aulas em escolas e academias; ser professor e promover a expansão da arte; 36% afirmaram que a licenciatura, além de formar para a docência, capacita também para a pesquisa e para a atuação artística; e 18% dos entrevistados replicaram que o curso tem por finalidade a formação artística e existencial dos indivíduos.

A sexta pergunta sondava a disponibilidade dos alunos para aulas, ensaios e apresentações fora do horário do curso (que é matutino): 63% disseram que tinham disponibilidade; 18%, que não; e outros 18%, que talvez. As justificativas para as respostas “não” e “talvez” foram: trabalho, participação em algum grupo e o fato de morar em outra cidade.

A sétima pergunta interrogava se os alunos tinham algum curso de informática e/ou língua estrangeira. Sobre o curso de informática: 54% dos alunos tinham o nível básico; 9%, o nível avançado; 27% declararam ter pouco conhecimento; e 9%, nenhum conhecimento. Sobre curso de língua estrangeira: 18% declararam ter o nível básico na língua inglesa e 81%, nenhuma formação. Isso reflete uma escassez de acesso à formação complementar do alunado em informática e língua estrangeira, que pode não só comprometer seu desenvolvimento nas disciplinas da graduação quanto dificultar o ingresso em cursos de pós-graduação.

A oitava e última pergunta arguia sobre as expectativas do aluna-

do com relação ao curso, e as respostas foram: querer ir além do ensinar, ser uma referência na área e acabar com o preconceito em relação aos seus estudantes; aprender muito com os professores e os demais alunos; aprender a cada dia e ser um ótimo profissional; alimentar a paixão pelo teatro e adquirir bases teóricas e técnicas para o ensino; aprender sobre dança para ajudar na sua cidade e ajudar a si próprio; qualificar-se para transmitir conhecimentos e formar muitos grupos que valorizem a cultura da região; aprender coisas jamais vistas; ampliar conhecimentos, absorver o que os professores passam e abraçar as oportunidades que o curso oferece; preparar-se para transmitir algo novo e dar oportunidades a outras pessoas já que não as teve adequadamente; profissionalizar-se e ser uma ótima artista da dança; e adquirir experiência como plateia.

Com base nos dados coletados, percebemos que os alunos ingressos da turma de 2014 da UESB são um grupo de pessoas jovens cujo contato com a dança vem principalmente de cursos, oficinas e participação em grupos de dança e teatro da cidade de Jequié e proximidades, assim como da vivência como plateia das produções que a própria universidade ofereceu nos últimos dois anos na forma de coreografias, espetáculos etc.

A maior parte dos alunos escolheu o curso por afinidade/identificação com a dança e buscam a profissionalização para, não apenas ocupar um espaço no mercado de trabalho, mas também a fim de ter uma satisfação pessoal e profissional. As expectativas quanto ao curso são, de maneira geral, aquelas vinculadas à ação de adquirir conhecimentos na área para poder transmiti-los e desenvolver a região. Os entrevistados têm consciência de que o curso tem como objetivo a formação de professores, mas que também poderão desenvolver habilidades de pesquisa e criação artística.

A maior parte dos alunos tem disponibilidade para a formação artística nos turnos opostos aos das aulas, o que permite a participação em grupos de pesquisa, atividades de extensão, integração e criação de grupos de dança e teatro locais, podendo, desse modo, estimular a produção cultural local. Uma dificuldade encontrada na formação complementar dos alunos é o acesso a cursos de informática e língua estrangeira.

É inegável a importância da formação acadêmica em dança, principalmente na formação de profissionais capacitados a trabalhar na educação formal, pois a inclusão da dança no contexto escolar pede um tipo específico de profissional que saiba lidar com a dança não de forma reprodutiva, mas sim criativa, inventiva, sensível e crítica, de maneira a ampliar a sensibilidade do aluno para o papel da arte no processo educacional, para que a dança, assim como outras expressões artísticas, não seja apenas um entretenimento gratuito, mas também uma forma singular de conhecer/conceber o mundo.

Esse processo de singularização deve começar na formação do professor licenciado em dança. O professor deve saber desenvolver-se de

forma singular, desenvolver sua experiência estética, para assim estimular seu aluno. Por isso, a formação do licenciando em dança deve vir acompanhada também da formação artística, sem sobrepujar o pedagógico ao artístico ou vice-versa. É um processo co-evolutivo de aprendizagem.

Concordamos com Rubem Alves⁵ quando diz que é preciso pensar um outro tipo de professor (e aí elaboramos um recorte que se relacione ao contexto do qual este texto fala: o professor licenciado em dança), um “professor de espantos”. O professor de espantos não ensina coisas, ele ensina a aprender, ele estimula no aluno a curiosidade por aprender alguma coisa. O conhecimento está nos livros, na internet, em diversos lugares, o professor deve apenas sugerir caminhos. A sala de aula é um lugar de espantos, tal como o palco, a cena, a vida, um lugar de descobertas que merece especial atenção.

O perfil do graduando em dança deve ser o de um aluno espantado, ávido por aprender sempre coisas novas e disposto a ensinar aquilo que aprendeu. Conhecer o processo é tão rico quanto conhecer o produto, isso vale tanto para o processo criativo em dança quanto para o processo (também criativo) de ensino da dança.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscarmos pontos de encontros e relacionamentos entre as duas extensões da pesquisa (UFPB e UESB), percebemos que o perfil dos alunos ingressos nos cursos de dança nestas universidades é construído pela administração e pelos processos integrativos de dois projetos: o Projeto Político-Pedagógico (PPP) dos cursos (que representa uma dimensão estrutural) e o projeto pessoal de cada aluno que ingressa na universidade (que representa as ações, habilidades e performances individuais no que tange a realização dos objetivos privados).

O primeiro indica uma determinação estrutural, ainda que não seja permanente, afinal se adapta constantemente às demandas do mercado e aos avanços epistemológicos, conceituais e discursivos da dança. O Projeto Político Pedagógico representa um campo que organiza o currículo e gera expectativas sobre o perfil de público egresso das universidades. O segundo acomoda os projetos pessoais do alunado: a vontade de profissionalização, a realização de um desejo, a expectativa da sociedade/família, o anseio de mudar a realidade local etc. Ambos estes projetos interagem na arena da vida social, confundindo e recriando as possibilidades de quem dança na universidade.

Ademais, o processo de profissionalização em dança geralmente precede e também ocorre em paralelo à formação acadêmica: cursos de

⁵ Em entrevista registrada no vídeo *A Escola Ideal: O Papel do Professor*, (data de acesso: 30/04/14). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qjyNv42g2XU>

curta e longa duração, oficinas, workshops, entre outros, acompanham o aluno de graduação em dança antes, durante e depois da universidade, tanto em sua formação coreográfica, quanto em sua formação docente e, por que não dizer, na sua formação de artista-docente.

Os alunos ingressos nos Cursos de Licenciatura em Dança da UFPB e da UESB são, em sua grande maioria, pessoas da prática, cuja formação prévia em dança esteve ligada ao exercício de diversas linguagens. A graduação permite que estes indivíduos aperfeiçoem outras habilidades importantes para o desenvolvimento da dança como área do conhecimento. O tripé ensino-pesquisa-extensão, que fundamenta a estrutura da universidade brasileira, proporciona aos discentes o desenvolvimento da prática da pesquisa por meio da iniciação científica, da prática docente por meio da iniciação à docência, e aplicação de conhecimentos desenvolvidos no ambiente acadêmico na comunidade por meio da extensão. Isso tudo associado ao currículo que, em ambas as universidades citadas, tem um compromisso de desenvolver habilidades tanto artísticas quanto pedagógicas.

Pensamos ser importante que os Cursos de Licenciatura em Dança proporcionem uma educação crítica da dança. Pensar criticamente a dança é percebê-la como arena de discursos artísticos, pedagógicos, políticos, culturais e sociais. O perfil aqui desenhado sugere que os alunos ingressos têm ânsia por conhecimento, não um conhecimento desconexo de seus contextos, mas um conhecimento a partir do qual eles possam construir em conjunto ferramentas e ações para a transformação crítica do meio circundante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, Dulce. Dança e Universidade: Desafio à Vista. *Lições de Dança*, 3. Rio de Janeiro: Lidador LTDA, 2001.
- BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- KAEPLER, Adriene L. Dança e o Conceito de Estilo. In.: CAMARGO, Gisele Guilhon Antunes (Org.). *Antropologia da Dança I*. Florianópolis: Insular, 2013.
- MORANDI, Carla; STRAZZACAPPA, Márcia. *Entre a Arte e a Docência: A Formação do Artista da Dança*. Campinas: Papyrus, 2006.
- NAVAS, Cássia. Centros de Formação: O que Há para Além das Aca- demias? In.: TOMAZZONI, Airton; WOSNIAK, Cristiane; MARINHO, Nirvana (Orgs.). *Algumas Perguntas sobre Dança e Educação*. Joinville: Nova Letra, 2010.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2011.

VICENTE, Ana Valéria; SERPA, Lúcia & SCHULZE, Guilherme Barbosa.
Projeto Pedagógico de Curso de Licenciatura em Dança. João Pessoa: Departamento de Artes Cênicas (UFPB), 2012.

Recebido em: 05/05/2014

Aceito em: 18/06/2014